

# TOLKIEN, O MEDIEVALISTA: O REFERENCIAL HISTÓRICO E LITERÁRIO DE J.R.R.TOLKIEN COMO CHAVE DE LEITURA PARA O SEU LEGENDÁRIO



<https://doi.org/10.22228/rtf.v18i1.1416>

Erick Carvalho de Mello

SEEDUC-RJ

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3426-209X>

E-mail: [carvalho.mello@gmail.com](mailto:carvalho.mello@gmail.com)

**Resumo:** Este texto propõe uma reflexão sobre a figura do professor e escritor J.R.R. Tolkien, com foco em sua perspectiva como medievalista, a fim de compreender os fundamentos estruturais de sua obra literária. A análise enfatiza os referenciais históricos e literários primários que influenciaram sua produção, adotando como abordagem principal a interpretação histórica de sua obra. Esse enfoque busca elucidar o impacto de sua literatura na construção da visão contemporânea sobre a medievalidade fantástica bem como seus diversos usos.).

**Palavras-chaves:** J.R.R.Tolkien, medievalismo, estudos tolkienistas.

**Abstract:** This article aims to examine the intellectual contributions of J.R.R. Tolkien, both as a scholar and a writer, with particular emphasis on his medievalist perspective as a framework for understanding the structural foundations of his literary corpus. By foregrounding the primary historical and literary influences that shaped his work, the analysis adopts a historically grounded interpretative approach. This scholarly lens seeks to illuminate the broader impact of Tolkien's literature on contemporary conceptualizations of fantastic medievalism while exploring its multifaceted applications across diverse contexts.

**Keywords:** J.R.R.Tolkien, medievalism, Tolkien studies.

## Introdução

É de certa forma impossível entender o legendário criado por John Ronald Reul Tolkien sem pensar também em todo o imaginário mitológico e histórico que se construiu sobre a Inglaterra. Afinal, a relação entre a História da Inglaterra, as mitologias europeias e a obra de J.R.R. Tolkien é vasta, complexa e profundamente interconectada.<sup>1</sup>

Tolkien, ao longo de sua vida professoral, não foi apenas um escritor de grande imaginação, mas também um acadêmico especializado em línguas e literaturas do medievo, cujas criações literárias foram influenciadas por uma mistura de tradições mitológicas, lendas e histórias do passado europeu, especialmente aquelas relacionadas à

<sup>1</sup> SHIPPEY, T.A. (Tom). *The Road to Middle-earth*. Londres: Grafton, 2005. P. 46-47

sua terra natal, a Inglaterra. Suas obras mais conhecidas, como *O Senhor dos Anéis*<sup>2</sup>, *O Hobbit*<sup>3</sup> e o póstumo *O Silmarillion*<sup>4</sup>, revelam sua profunda ligação com essas tradições, ao mesmo tempo que tecem um mundo ficcional que dialoga com temas históricos e mitológicos de forma inovadora.

Neste contexto, acreditamos que entender as relações entre a História da Inglaterra, as mitologias europeias e a obra de Tolkien em si, revelam como esse caráter inovador para a época ainda reverbera no imaginário medievalesco que se reproduz em mídias variadas. Enumerar e entender quais fontes e temas influenciaram sua criação literária é vital para compreendermos também o fulcro formador não apenas do universo da Terra Média, mas também do neomedievalismo contemporâneo<sup>5</sup> e seus desdobramentos e conflitos.

## As Referências Medievais de J.R.R.Tolkien

J.R.R.Tolkien era um apaixonado por textos antigos, por antigas mitologias e lendas épicas de heróis de um passado nórdico distante. Em novembro de 1936, ele chegou a proferir uma aula intitulada “Beowulf: The Monster and the critics”<sup>6</sup>, demonstrando toda sua erudição sobre o tema em questão, além de elaborar algumas alegorias interessantes sobre a temática dos usos da literatura medieval.

Bem verdade, J.R.R.Tolkien se dedicou ao estudo de algumas obras literárias medievais durante seu tempo como professor em Oxford e as lecionava para seus alunos por puro prazer pessoal pelo tema em si.

Tolkien não tinha pretensão de ser um autor famoso, muito menos um professor muito procurado com aulas disputadas pelos alunos da universidade. Este encargo ele deixaria para alguns de seus amigos próximos, como o também professor de Oxford C.S.Lewis (1898-1963), autor entre outros livros e texto, das *Crônicas de Nárnia*.

No entanto, o pacato professor se tornou conhecido no mundo inteiro por sua obra literária, pelo clássico *O Hobbit* e, principalmente, por aquele que seria o grande definidor do gênero de fantasia medieval ao longo do século XX: *O Senhor dos Anéis*.

Estas obras famosas são parte de seus referenciais pessoais, seu amor pelas línguas antigas, pela Mitologia, o Mundo Primário e, claro, da literatura medieval que ele se

<sup>2</sup> TOLKIEN, J.R.R. *O Senhor dos Anéis*. Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 2003

<sup>3</sup> TOLKIEN, J.R.R. *O Hobbit*. Tradução de Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2019.

<sup>4</sup> TOLKIEN, J.R.R. *O Silmarillion*. Tradução de Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2019.

<sup>5</sup> JÚNIOR, Carlile Lanzieri. *Cavaleiros de cola, papel e plástico: sobre os usos do passado medieval na contemporaneidade*. Campinas: D7 Editora, 2021.

<sup>6</sup> TOLKIEN, Christopher (ed.). *The Monsters and the Critics and Other Essays*. London: HarperCollins, 2006

apaixonou na época de escola e seguiu estudando durante toda a vida. E até mesmo por isso, ele enxergava nelas algo além.<sup>7</sup>

Isso fica bem claro em sua aula sobre Beowulf proferida em 1936, por exemplo. Um de seus exemplos neste estudo se refere ao que podemos chamar de a “Alegoria da Torre”, o qual ele explica sobre a história de um homem que usou antigas pedras em sua propriedade para construir sua casa e também uma torre que o permitia subir até o ponto de ver o mar.<sup>8</sup>

No entanto, outras pessoas chegaram lá e apontaram ser uma tolice construir uma torre com essas pedras, desmontando todas elas para poder analisar de perto seus detalhes antigos, suas formas e também suas origens históricas, deixando o homem sem a possibilidade de usar daquele material para ver outras possibilidades ou mesmo o Mar que era seu intuito original.

Essa “Alegoria da Torre” elaborada por Tolkien diz muito sobre como Tolkien percebia o passado literário, e principalmente, o período medieval. Afinal, a diferença aqui reside entre como usar essas pedras antigas seja como uma alegoria restritiva ou como uma aplicabilidade maior e perene a partir do referencial medieval.

Tolkien admirava não apenas a literatura medieval, mas também a filosofia do período, acreditando que existia um senso de perenidade em seus valores que o ajudavam a erguer seu imaginário e sua própria relação com a literatura. Neste sentido, o ponto primordial na “Alegoria da Torre” é entender a diferença entre aplicabilidade e alegoria.

### **Entendendo os referenciais literários e históricos de Tolkien: Entre a aplicabilidade e a alegoria**

O Biógrafo oficial de J.R.R.Tolkien, Humphrey Carpenter<sup>9</sup>, escreveu que uma das grandes preocupações do autor ao revisar e refinar sua grande obra, *O Senhor dos Anéis*, era retirar do corpo do texto qualquer possibilidade de alegoria que existisse ao longo da narrativa.

Outros autores, como Tom Shippey,<sup>10</sup> também notaram que Tolkien era particularmente preocupado com essa questão, visto que a escrita, revisão e publicação de seu livro demorou cerca de quatorze anos para ser concluída justamente por esse motivo. Mas por que isso o incomodava tanto?

<sup>7</sup> SHIPPEY, T.A. (Tom). *The Road to Middle-earth*. Londres: Grafton, 2005. P. 254

<sup>8</sup> TOLKIEN, J. R. R. *The Monsters and the Critics and Other Essays*. Edited by Christopher Tolkien. London: George Allen & Unwin, 2006. P 7-8

<sup>9</sup> CARPENTER, Humphrey. *J.R.R. Tolkien: Uma Biografia*. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018.

<sup>10</sup> SHIPPEY, T.A. (Tom). *J.R.R. Tolkien: Author of the Century*. Londres: HarperCollins, 2000.

A resposta reside em algumas de suas declarações públicas. Algumas foram publicadas em cartas trocadas por ele, outras em algumas gravações e entrevistas concedidas pelo professor nos anos 1960. Para Tolkien a alegoria se difere da aplicabilidade<sup>11</sup> e acreditamos que neste ponto reside todo o diferencial propositivo da obra tolkieniana e os motivos pelos quais ela ainda hoje possui tamanha capilaridade em seu imaginário literário e histórico.

Mas qual seria então a diferença entre alegoria e aplicabilidade para Tolkien? Esse é o grande diferencial analítico que nos permite entender a pluralidade de análises e perspectivas alcançadas pela obra tolkieniana nas últimas décadas. É consenso entre grande parte dos tolkienistas que o professor Tolkien era avesso à ideia de alegoria de seus textos, preferindo o termo aplicabilidade.

Bem verdade que segundo autores como Shippey e Flieger<sup>12</sup>, Tolkien preferia ideia de aplicabilidade justamente porque a alegoria demandava uma interpretação histórica específica e limitadora de sua obra e, sobretudo, porque a interpretação alegórica afastaria seus leitores de sua proposta inicial conectada a uma temporalidade costurada por um passado distante e a-histórico, mas que de alguma maneira poderia nos remeter a uma idade média imaginada.

Estes saltos atemporais e construções imaginadas só poderiam ser feitos a partir do conceito de aplicabilidade e faz com que o texto tolkieniano possa ser colocado em diversos contextos temáticos, sociais, políticos ou mesmo ideológicos variados. Tudo isso se coaduna com uma visão medievalesca inerente a própria concepção filosófica tolkieniana. Afinal, o próprio Tolkien, sendo um autor que buscava certa emulação do medievo, tem sua visão calcada numa filosofia perene e atemporal muitas vezes relacionada com as próprias ideias de São Tomás de Aquino entre outros filósofos do período.<sup>13</sup>

Sendo assim, nós entendemos que essa aplicabilidade tem relação com o que Michael Drout<sup>14</sup> e Thomas Honegger<sup>15</sup> entendem como uma *Interpretatio Mediaevalis*, um conceito que nos ajuda em uma compreensão mais coerente das obras tolkienianas para além de uma visão puramente literária que muitas vezes deixa escapar conexões importantes do legendário.

<sup>11</sup> CARPENTER, Humphrey. *J.R.R. Tolkien: Uma Biografia*. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018.

<sup>12</sup> FLIEGER, Verlyn. *Interrupted Music: The Making of Tolkien's Mythology*. Kent: Kent State University Press, 2005.

<sup>13</sup> KLAUTAU, Diego. Metafísica da subcrição: a filosofia do mito em J.R.R. Tolkien. São Paulo: A Outra Via, 2021. P. 61

<sup>14</sup> DROUT, Michael. 2002. *Beowulf and the Critics by J.R.R. Tolkien*. (Medieval and Renaissance Texts and Studies Volume 248). Tempe, AZ: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies.

<sup>15</sup> HONEGGER, Thomas. *Reconsidering Tolkien*. Cormarë Series 8. Zurich and Berne: Walking Tree Publishers, 2005. pp.45-66

A ideia de *Interpretatio Mediaevalis* desenvolvida por Drout e Honneger é relevante na análise do texto tolkieniano, pois nos conduz para uma compreensão estrutural de suas obras, o que nos permite entender as diferentes dimensões do medievalismo em Tolkien. Claro, essa chave de leitura leva em consideração que Tolkien é um autor do século XX, como bem coloca Shippey<sup>16</sup> e Rosebury<sup>17</sup> e que suas referências são igualmente calcadas em sua experiência como um homem inglês do século XX, seja ela no campo cultural, econômico ou político.

Neste aspecto, é a *Interpretatio Mediaevalis* que nos permite avaliar Tolkien também enquanto um professor de Filologia e um medievalista com suas principais referências mergulhadas nos textos do medieval, mesmo que compreendidas a partir do referencial moderno da academia de sua época. Ignorar esse aspecto em detrimento de uma análise puramente literária ou técnica de suas obras faz com que a interpretação do texto tolkieniano perca força analítica e nos afasta da compreensão real da capilaridade de seu legendarium seja no século XXI ou na formação de um imaginário próprio do medievalismo contemporâneo.

Por esse motivo, nós acreditamos que a análise de sua obra deve ter como ponto de partida sua própria aplicabilidade e seguir processualmente tendo em mente que J.R.R.Tolkien era um escritor de múltiplos referenciais históricos, sociais ou mesmo mitopoéticos como ele próprio gostava de definir sua construção literária.

Ao seguir essa proposta que vem de um *Interpretatio Mediaevalis* do legendarium tolkieniano, buscamos não apenas entender referenciais ocultos de sua obra já escrita, mas também compreender como hoje se estrutura o neomedievalismo que bebe diretamente de seu texto na construção de seus discursos e imaginário de uma idade média fantástica e ahistórica.

Desta forma, é de todo necessário pensarmos primeiramente quem é esse homem escritor e medievalista e por que nossa chave de leitura feita a partir do referencial histórico medieval nos proporciona um diferencial tão claro no entendimento crítico de sua obra para além de suas possíveis aplicabilidades.

## **Tolkien enquanto medievalista**

J.R.R.Tolkien foi chamado de “O Autor do século” pelo tolkienista Tom Shippey<sup>18</sup> em seu livro publicado no ano 2000. Bem verdade, a popularidade da obra tolkieniana se

<sup>16</sup> SHIPPEY, T.A. (Tom). *J.R.R. Tolkien: Author of the Century*. Londres: HarperCollins, 2000.

<sup>17</sup> ROSEBURY, Brian. *Tolkien: A Cultural Phenomenon*. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

<sup>18</sup> SHIPPEY, T.A. (Tom). *J.R.R. Tolkien: Author of the Century*. Londres: HarperCollins, 2000.

expandiu gradativamente ao longo das décadas após sua morte, em 1973, e alçaram o professor Tolkien ao status de ícone contemporâneo. Fato primariamente constatado com o sucesso comercial que a trilogia cinematográfica dirigida pelo neozelandês Peter Jackson alcançou no início do século XXI, resultando em 17 oscars e incontáveis referências na cultura popular global.

Porém, poucos entre seus leitores conhecem Tolkien como o medievalista que era, possuidor de um conhecimento próprio sobre línguas e mitologias antigas que diretamente e indiretamente moldaram sua imaginação sobre o medievo. Por esse motivo, entendemos que o Tolkien enquanto medievalista deve ser resgatado por um estudo aprofundado, por meio de suas referências históricas e literárias para que só assim possamos compreender seu impacto no que se entende academicamente por medievalismo.

O legendário criado por Tolkien é em grande parte base de uma idade média sonhada pelo mundo ocidental na atualidade. Por esse mesmo motivo, nós desenvolvemos certa preocupação em analisar objetivamente o trabalho do Tolkien enquanto medievalista e acadêmico e não apenas como um escritor de literatura.

Até mesmo porque acreditamos que analisar a obra tolkieniana apenas pelo viés técnico ou artístico literário, muitas vezes focados em um certo “narrar ritualístico” <sup>19</sup>do uso da palavra um equívoco para a compreensão do impacto de sua obra sobre o imaginário medieval contemporâneo.

E por que essa preocupação acadêmica é justificada? Bem, estudiosos da obra do Professor Tolkien como Jane Chance <sup>20</sup> ou Verlyn Flieger <sup>21</sup> afirmam que é por conta do ímpeto pessoal de Tolkien em replicar de forma inconsciente uma espécie de mitologia medieval para Inglaterra em seus escritos. Outros autores como Carl Phelpstead<sup>22</sup> ou Dimitra Fimi<sup>23</sup> trabalham com a ideia do impacto cultural interno da mentalidade medievalista do professor em seus trabalhos como um todo, dialogando com temáticas acadêmicas de sua época que reverberam na formação de um imaginário medieval próprio.

Bem verdade, que esse debate ainda é feito entre acadêmicos e deve ser desmembrado em duas frentes compreensivas. Primeiro em saber como o texto do professor Tolkien foi formado, tanto seu trabalho acadêmico quanto literário, a partir dos diálogos que a academia inglesa de sua época, a qual ele estava diretamente ligado por ser professor de Filologia Medieval em Oxford.

<sup>19</sup> LÓPEZ, Rosa Sílvia. *O Senhor dos Anéis & Tolkien: O Poder Mágico da Palavra*. São Paulo: Devir, 2004.

<sup>20</sup> CHANCE, Jane. *Tolkien the medievalist*. London: Routledge, 2003.

<sup>21</sup> FLIEGER, Verlyn. *Interrupted Music: The Making of Tolkien's Mythology*. Kent: Kent State University Press, 2005.

<sup>22</sup> PHELPSTEAD, Carl. *Tolkien and Wales: Language, Literature and Identity*. Cardiff: University of Wales Press, 2011.

<sup>23</sup> FIMI, Dimitra. *Tolkien, Race and Cultural History*. NewYork; London: Palgrave Macmillan, 2010

Em segundo momento, em saber como o texto de Tolkien, uma vez entregue ao mundo e lido e consumido por milhares de pessoas nas últimas décadas acabou moldando uma cultura de memória histórica tal que influenciou diretamente em nossa visão de uma Idade Média, tanto dentro dos que a utilizam para fins acadêmicos quanto para aqueles leitores leigos que a consomem como uma visão fidedigna de uma medievalidade sonhada tal qual desenvolvida no famoso ensaio de Umberto Eco<sup>24</sup>.

Seguindo na busca pelo referencial formativo de Tolkien podemos observar, como bem aponta Shippey<sup>25</sup> ou mesmo Honegger<sup>26</sup> que o elemento biográfico de Tolkien em sua obra mescla tanto experiências acadêmicas quanto pessoais, muitas vezes inconscientes, do professor. Isso fica bem evidente se voltarmos aos seus estudos sobre Beowulf, quando em seu artigo *The Monsters and The Critics*, Tolkien considera a autoria do texto beowulfiano como

“Um poema de um homem estudado escrevendo sobre tempos antigos, o qual ao olhar para o heroísmo e o sofrimento de outrora, sente neles algo perene e algo simbólico.”<sup>27</sup>

Tolkien era ele próprio um homem estudado que, ao escrever sobre tempos imemoriais, acaba por desvelar um outro entendimento sobre o tema, próximo de uma cultura de memória pessoal e alinhada com o Regime de Historicidade<sup>28</sup> próprio da academia inglesa de seu tempo.<sup>29</sup>

A análise de seu texto deve seguir por esses termos duplos. Inclusive acreditamos que o incômodo da crítica especializada ao analisar sua obra em seu lançamento nos anos 1950 se deu justamente por não se entender o substrato acadêmico de sua perspectiva mitopoética e igualmente, nos dias atuais, ao se elevar o status da obra como um clássico cultuado por fãs que creditam seu não entendimento dessas peculiaridades acadêmicas a certa “genialidade” do professor.

Em outras palavras, grande parte da popularidade de Tolkien entre seus fãs atualmente ou mesmo entre seus detratores em um passado recente se dá justamente por

<sup>24</sup> ECO, Umberto. *Dreaming of the Middle Ages*. In: *Travels in Hyperreality*, transl. by W. Weaver, NY: Harcourt Brace, 1986.

<sup>25</sup> SHIPPEY, T.A. (Tom). *J.R.R. Tolkien: Author of the Century*. Londres: HarperCollins, 2000.

<sup>26</sup> HONEGGER, Thomas. *Reconsidering Tolkien*. Cormarë Series 8. Zurich and Berne: Walking Tree Publishers, 2005.

<sup>27</sup> TOLKIEN, Christopher (ed.). *The Monsters and the Critics and Other Essays*. London: HarperCollins, 2006.p.26 No original: “It is a poem by a learned man writing of old times, who looking back on the heroism and sorrow feels in them something permanent and something symbolical.”

<sup>28</sup> HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: Presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

<sup>29</sup> A academia inglesa do período, se pautarmos pelas análises de Tolkien feitas em cartas pessoais ou mesmo em seus diálogos feitos em palestras e aulas registradas, via o passado como fundamento da identidade nacional, sustentando uma visão de progresso moderado, o que de certa forma se coaduna com um regime presentista com orientação ao passado, sendo o presente como uma espécie de janela para um passado normativo e culturalmente superior.

uma audiência que não considera os elementos acadêmicos na composição de sua obra ou que simplesmente não os entende e os confunde como um certo conhecimento hermético.

Grosso modo, este desentendimento se dá por leituras das mais diversas feitas de sua obra, mas também, particularmente, por alguns de seus biógrafos como Daniel Grotta-Kurska<sup>30</sup> ou mesmo Humphrey Carpenter, o qual escreveu sua biografia oficial.

A obra de Kurska é repleta de imprecisões ou mesmo erros factuais, visto que a família Tolkien negou seu acesso a documentos e demais arquivos pessoais. Já Carpenter tem uma biografia até hoje vista como o estudo definitivo da vida do professor Tolkien, muito por conta do acesso dado pela família de Tolkien a cartas, textos e entrevistas.

No entanto, mesmo a obra de Carpenter sofre algumas críticas pela própria maneira que tenta apresentar Tolkien ao público, como um recluso e hermético professor, cujas referências medievais ou mesmo cristãs de sua obra fossem fruto de um mundo descolado da realidade contemporânea, o que corroborou com a visão obscurantista sobre os referenciais acadêmicos de seu legendário e a dificuldade de ler Tolkien como um homem de seu tempo e consequentemente sua obra.

Neste aspecto, Holly Ordway ao escrever seu *Tolkien's Modern Reading*<sup>31</sup> desvela certos problemas da escrita de Carpenter sobre os referenciais acadêmicos de Tolkien e os insere em uma interessante análise que demonstra outras influências próprias do mundo contemporâneo presente em suas obras. Ao fazer esse trabalho, Ordway contribui para que possamos olhar Tolkien por meio de um referencial mais direto sobre um acadêmico inglês do século XX, desmistificando seu aspecto hermético construído nos últimos cinquenta anos por fãs ou detratores de sua obra.

Claro que o texto de Ordway também tem um viés próprio ao se alinhar a uma miríade de acadêmicos que desde os anos 1990 tentaram desmistificar as simplificações e mistificações feitas por biógrafos de Tolkien, não para tentar compreender como as diversas fontes medievais incorporaram o imaginário formativo de seu legendário, mas para focar no substrato religioso, em especial o católico, que estaria presente em sua biografia e consequentemente sua obra, fator tratado de maneira neutra quando não antiquada por escritores como Carpenter.

Este movimento resultou em uma tendência acadêmica de olhar para referenciais literários e, sobretudo, medievais do professor por uma via teológica e pautada em uma leitura Metafísica de suas obras, os quais autores como Jonathan McIntosh com o seu *The*

<sup>30</sup> GROTTA-KURSKA, Daniel. *J.R.R.Tolkien: Architect of Middle Earth*. New York: Warner Books edition, 1976.

<sup>31</sup> ORDWAY, Holly. *Tolkien's Modern Reading: Middle-earth Beyond Middle Ages*. Word on Fire Academic, 2021.

Flame Imperishable<sup>32</sup> é o autor mais notório, mas também com obras de autores como Bradley Birzer com O Mito Santificador de J.R.R.Tolkien<sup>33</sup> ou mesmo a já citada Holly Ordway com seu *Tolkien's Faith: A Spiritual Biography*<sup>34</sup>.

Em geral, esses estudos buscam referenciais medievais em Tolkien a partir de uma construção teológica pautada em leituras de São Tomás de Aquino e certas problematizações metafísicas. No Brasil, muitos tolkienistas como Diego Klautau ao escrever a *Metafísica da Subcriação*<sup>35</sup> e Cristina Casagrande em *A Amizade em Senhor dos Anéis*<sup>36</sup> seguiram por esse viés analítico ao se debruçarem sobre as fontes medievais e literárias produzidas por J.R.R.Tolkien.

No entanto, acreditamos que outras possibilidades mais objetivas dos referenciais medievais de Tolkien sejam possíveis. Isso fica mais evidente com outra leva de estudos e publicações feitas por tolkienistas nos últimos vinte anos, muitas das quais revisitando trabalhos acadêmicos, ensaios e estudos do próprio Tolkien com temas medievais e filológicos.

A publicação da tradução comentada de *Beowulf* em 2014, mas também obras como *A Lenda de Sigurd e Gudrun* (2009), *A Queda de Arthur* (2014), *The Lay of Aotrou and Itroun* (2016), *A História de Kulervo* (2017), e *A Batalha de Maldon* (2023) por tolkienistas como Verlyn Flieger, Peter Grybauskas e o próprio Christopher Tolkien, filho e herdeiro do legado textual do pai, atestam que outras possibilidades analíticas mais próximas de uma crítica direta sobre o uso das fontes e suas recepções é possível.

Seguindo nessa linha encontramos as edições revisadas de *The Road to Middle-earth* de Tom Shippey<sup>37</sup>, estudos como *Interrupted Music*<sup>38</sup>, *Green Suns and Faerie*<sup>39</sup> de Fliger e Tolkien, *Race and Cultural History*<sup>40</sup> de Dimitra Fimi, todos buscando de maneira crítica analisar objetivamente as leituras de Tolkien sobre os diversos textos medievais, bem como suas recepções no imaginário contemporâneo.

É a partir desses diferentes referenciais acadêmicos dos últimos anos que acreditamos poder estruturar uma análise crítica e propositiva das duas frentes compreensivas que intencionamos como chave de leitura para entender o medievalismo a partir das obras de J.R.R.Tolkien. É por meio de sua crítica que podemos incorporar

<sup>32</sup> MCINTOSH, Jonathan S. *The Flame Imperishable: Tolkien, St.Thomas, and the Metaphysics of Faerie*. Angelico Press, 2017.

<sup>33</sup> BIRZER, Bradley J. *O mito santificador de J.R.R.Tolkien: interpretando a Terra Média*. LVM Editora, 2023.

<sup>34</sup> ORDWAY, Holly. *Tolkien's Faith: A Spiritual Biography*. Word on Fire Academic, 2023.

<sup>35</sup> KLAUTAU, Diego. *A Metafísica da Subcriação: A filosofia do mito em J.R.R.Tolkien*. A Outra Via, 2021.

<sup>36</sup> CASAGRANDE, Cristina. *A Amizade em O Senhor dos Anéis*. São Paulo: Martin Claret, 2018.

<sup>37</sup> SHIPPEY, T.A. (Tom). *The Road to Middle-earth*. Londres: Grafton, 2005.

<sup>38</sup> FLIGER, Verlyn. *Interrupted Music: The Making of Tolkien's Mythology*. Kent: Kent State University Press, 2005.

<sup>39</sup> FLIEGER, Verlyn. *Green Suns and Faerie: Essays on J.R.R.Tolkien*. Kent: Kent State University Press, 2012.

<sup>40</sup> FIMI, Dimitra. *Tolkien, Race and Cultural History*. NewYork; London: Palgrave Macmillan, 2010

melhor os diferentes paralelismos e conexões feitas pela cultura de memória medieval criada a partir da obra do professor e mais ainda, como a 'Interpretatio Mediaevalis' nos ajuda conceitualmente nesse desígnio.

## A História da Inglaterra e a obra de Tolkien

De acordo com Shippey, a ideia de uma Inglaterra medieval desempenhou um papel crucial na formação do imaginário de Tolkien. Embora suas histórias se passem em um mundo fictício, é evidente que o autor foi profundamente influenciado pelas paisagens, história e tradições de sua terra natal. John Garth em seu *The Worlds of J.R.R. Tolkien*<sup>41</sup> afirma que, para o professor, a Terra-média representava uma espécie de Inglaterra imaginária, um mundo ficcional que, em muitos aspectos, reinventava mitologicamente a Europa, com especial atenção à própria Inglaterra, como uma homenagem a ela.

Afinal, ao construir seu complexo e bem embasado corpus literário, Tolkien pretendia dar vazão a um projeto pessoal de elaborar uma "mitologia para a Inglaterra",<sup>42</sup> um projeto sobre o que ele acreditava ser genuinamente inglês, atuando conscientemente por meio de um imaginário histórico e literário anglo-saxão próprio e que buscava a contrabalancear certas características da modernidade que Tolkien, pessoalmente, procurava se afastar, como suas cartas publicadas atestam. Em outras palavras, ele buscou em seu legendário não apenas um refúgio seguro contra os valores modernos que conscientemente rejeitava, mas também uma oficina mental livre de amarras academicistas formais de sua época, na qual suas próprias questões como pesquisador e medievalista limitado por suas próprias fontes poderiam ser experimentadas e moldadas por meio da fantasia.

## A Inglaterra Anglo-Saxônica

Em uma carta escrita ao seu filho Christopher Tolkien em janeiro de 1945, J.R.R. Tolkien confessa, que ao folhear o que considerava ser o cativante volume de *Anglo-Saxon England* de Frank M. Stenton, sua mente vagava e ele ansiava por uma máquina do tempo. Sua curiosidade segundo seu relato era bem direta ao dizer que

(...) são as coisas de significado racial e linguístico que me atraem e permanecem em minha memória. Ainda assim, espero que um dia você seja

<sup>41</sup> GARTH, John. *The Worlds of J.R.R. Tolkien*. New Jersey: Princeton University Press, 2020.

<sup>42</sup> Como demonstrado em sua carta 131 para Milton Waldman ou mesmo em alguns dos estudos consultados neste trabalho como o de Carl Phelpstead (2011) acertadamente continuando uma visão cultural das obras de Tolkien a partir de acadêmicos como Tom Shippey etc.

capaz (se quiser) de se aprofundar nessa história intrigante das origens de nosso povo peculiar e, de fato, nossas origens em particular.<sup>43</sup>

Para Tolkien, seja pelo seu entendimento de mundo ou pelo seu treinamento filológico, havia uma necessidade de se conectar com a Inglaterra Anglo-Saxônica, fruto de seu quadro mental de memória individual o qual ele próprio se via como parte de uma continuidade tradicional. A resposta para suas questões com a modernidade ou para se reconectar com seu universo espiritual próprio estava nessa Inglaterra.

Portanto, é no passado imaginado da Inglaterra medieval que J.R.R.Tolkien se inspira. Vale lembrar que como filólogo, Tolkien possuía conhecimento técnico não apenas sobre o inglês antigo, mas também de línguas diversas como o finlandês e o galês médio e os evocava na construção de uma narrativa cultural étnica que tivesse o que ele ao menos pensava ser o sabor típico de sua Inglaterra anglo-saxã do passado.

Seguindo a proposta de uma *Interpretatio Mediaevalis* das obras de Tolkien é possível perceber que uma das principais formas de compreender os elementos que depreendemos de obras como *O Hobbit* e *O Senhor dos anéis* são parte de usos diversos sobre o passado Anglo-Saxão tal qual elaborado pela academia inglesa entre os anos 1920 e 1950 e, em caráter mais específico, como o próprio Tolkien lia esses elementos em seus significados linguísticos e também étnicos.

Esses pontos tencionam hoje o debate sobre nacionalismo e racismo, resgate e distorção do passado, não apenas em uma Inglaterra contemporânea, mas também em escala global, visto que o legendário de Tolkien, por meio de seu princípio de aplicabilidade, se torna um palco de disputa de diferentes grupos ideológicos no século XXI.

O autor Renato Rodrigues da Silva em um artigo intitulado *The Uses of the 'Anglo-Saxon Past' between Revolutions, Imperialism and Racism*<sup>44</sup> investigou de forma incisiva as bases conceituais sobre este fenômeno ao longo dos séculos, e nos ajuda a compreender os impactos que a imaginação tolkieniana sobre como o passado Anglo-Saxão na formação e *O Senhor dos Anéis* hoje se tornou um catalisador dessas disputas que vão muito além do campo historiográfico ou mesmo literário.

Para Renato Silva alguns pontos são dignos de nota nesse sentido. O uso ideológico da herança anglo-saxônica, a apropriação desse passado por movimentos revolucionários,

<sup>43</sup> CARPENTER, Humphrey. *Cartas de J.R.R.Tolkien*. Rio de Janeiro: Harpercollins Brasil, 2023. P.169

<sup>44</sup> Silva, R. R. da. (2021). The Uses of the 'Anglo-Saxon Past' between Revolutions, Imperialism and Racism. *Práticas Da História. Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, (12), 129–160.

o imperialismo inglês e seu projeto de dominação global sustentadora de um racismo nacionalista e por fim, o resgate distorcido desse passado como palco de disputas diversas.

O legendário de Tolkien está inserido nesse contexto, mas de forma complexa. Por um lado, Tolkien tinha muito orgulho de ser inglês e sua obra refletia seu interesse de se identificar com certa continuidade étnica e cultural anglo-saxônica. No entanto, Tolkien em suas cartas demonstra ser contra o uso desse passado para fins imperialistas e de dominação cultural britânica.

Vale lembrar também que o uso racial e nacionalista do passado anglo-saxônico era o mais comum no final do século XIX e início do século XX, ou seja, da geração a qual J.R.R.Tolkien fazia parte. No entanto, sua invenção de memória sobre o passado anglo-saxônico também não se enquadra totalmente na apropriação que movimentos revolucionários faziam desse período, visto que para Tolkien a tradição medieval inglesa seria tampouco um modelo de contestação dos regimes monárquicos.

O que havia em Tolkien era de tudo um pouco. Havia em sua imaginação anglo-saxônica uma crítica ao imperialismo e ao uso da Máquina como forma de dominação sobre os diversos povos locais, mas também havia ali uma valorização contínua que entendia de forma simplificada a ideia de raça como um elemento étnico cultural herdado e, sendo assim, possível de resgate como âncora em um mundo moderno de desencaixe em meio a guerras mundiais,<sup>45</sup> industrialização em massa e imperialismos diversos.

Tolkien recorria ao seu imaginário e treinamento filológico para este fim. Era na linguística com sua metodologia que analisava a partir da palavra todo um universo de construção social e do seu imaginário mitopoético, calcado em uma visão de filosofia perene que ele buscava ao olhar para trás construir uma mensagem forte o bastante para sua Inglaterra.

Eram nesses elementos que ele se pautava, em valores de certa maneira conservadores e fora de moda retirados diretamente de suas fontes textuais e do regime de historicidade construído sobre sua imaginação histórica anglo-saxã que Tolkien aplicava sua própria visão de mundo em seu legendário, fator que impulsionou toda uma invenção de memória medieval em escala global quando suas obras alcançaram o sucesso ao longo do século XX.

No aspecto linguístico, é inegável a forma como ele trabalha grupos culturais inteiros em sua obra literária, como por exemplo, os Cavaleiros de Rohan que ecoam em suas práticas sociais e estilísticas aquilo que podemos depreender da poesia épica em

<sup>45</sup> GARTH, John. *Tolkien and the Great War*. London: HarperCollins, 2004.

inglês antigo, em particular o reino da Mércia e no uso de palavras nesse idioma para dar nomes a lugares, personagens, armas etc.<sup>46</sup>

Em alguns momentos é possível perceber que esses elementos aparecem quase como uma brincadeira linguística do professor, escondendo aqui e acolá elementos da Inglaterra Anglo-saxônica em sua narrativa. No entanto, essa forma de brincadeira linguística é o cerne do legendário tolkieniano e do seu referencial como medievalista e, desta maneira, só corrobora com a hipótese de que, em verdade, Tolkien utilizava de seu legendário como base de experimentação e oficina mental sobre os seus temas de pesquisa próprios.

É neste sentido que na construção dos Cavaleiros de Rohan, nós podemos encontrar palavras que remetem a aspectos literais desse mundo medieval imaginado de uma Inglaterra ancestral. De acordo com os tolkienistas Christina Scull e Wayne G. Hammond em seu *The lord of the Rings: A Reader's Companion*<sup>47</sup>, o nome do guerreiro Éomer significa algo como “célebre cavaleiro” e sua espada Gúthwinë, é a “companheira de batalha”.

Outros nomes entre os Rohirrim também expõem literalmente seus personagens, como a raça de cavalos lendários, os Mearas, cujo nome significa “cavalos”, bem como seu principal representante, Scadufax que tem como nome “Crina Sombria” ou mesmo Éowyn que significa “amiga dos cavalos”. Não sendo esses nomes reveladores o bastante, temos ainda o conspirador Gríma cujo o nome é algo como “disfarce” e o próprio Grande Salão de Rohan, descrito nos moldes dos grandes salões de hidromel de Beowulf, que é chamado em *O Senhor dos Anéis* pelo nome de Meduseld e que tem como significado direto “Salão de Hidromel”.

Essas brincadeiras filológicas do professor Tolkien são uma grande homenagem a língua e a literatura anglo-saxônica, mas também refletem a influência do universo mental e conceitual dos antigos anglo-saxões o qual Tolkien dedicou sua vida acadêmica. Em textos como Beowulf, um épico que narra a aventura de um guerreiro enfrentando monstros e um dragão temos a provável grande influência para *O Hobbit* e *O Senhor dos anéis*, pois é na própria figura do herói Beowulf que podemos encontrar reminiscências do sacrifício de personagens como Aragorn e Théoden, reis guerreiros que encaram, por meio da coragem setentrional típica destes textos, o ideal guerreiro anglo-saxão, disposto a sacrificar-se por seu povo. Vale lembrar que o próprio nome Théoden, o rei de Rohan, significa também “Rei” e “Senhor”.

<sup>46</sup> SHIPPEY, T.A. (Tom). *The Road to Middle-earth*. Londres: Grafton, 2005. P.139-140

<sup>47</sup> HAMMOND, Wayne G.; SCULL, Christina. *The lord of the Rings: A Reader's Companion* London: HarperCollins, 2005.

Essas referências espalhadas pelo legendário de Tolkien buscava um propósito claro de dar um aspecto histórico de autenticidade e, principalmente, profundidade. Inclusive esse elemento é o que Tom Shippey<sup>48</sup> considera ser a qualidade literária que Tolkien valorizava sobre todas as demais. É a Profundidade enquanto conceito que confere a Tolkien, segundo Shippey,

(...) a qualidade ‘que compensa as inevitáveis falhas e ajustes imperfeitos que devem aparecer, quando tramas, motivos, símbolos são remanejados e colocados a serviço das mentalidades modificadas de uma época posterior.<sup>49</sup> Tradução nossa)

Tolkien sonhava com um período anglo-saxão como forma de referenciar de maneira idealizada o mundo primário ao qual vivia e também ao secundário, criado de forma literária, em suas experimentações filológicas, culturais e também mitopoéticas. A Idade média Inglesa é aqui conscientemente sonhada e imaginada, e temas como o valor central da monarquia, o heroísmo guerreiro e a ideia de corrupção pelo ouro presentes nesse imaginário criado sobre os anglo-saxões são temas norteadores e recorrentes em sua obra que olha para o passado medieval inglês como forma de experimentar a Inglaterra moderna de forma mais palatável.

## A Idade Média e a Monarquia

Parte importante do imaginário fantástico de Tolkien sobre a Idade média vem do conceito de Monarquia atemporal.<sup>50</sup> Existe um profundo sentimento de descontentamento em Tolkien sobre as instituições políticas modernas e suas lideranças e é, neste contexto, que a monarquia medieval fantasiada surge em suas obras como um artifício narrativo.

No entanto, esse artifício narrativo revela muito mais que um referencial metodológico textual, mas é um reflexo de seu conhecimento literário e histórico do mundo primário, moldando seu legendário com referências monárquicas que mesclam elementos históricos da Inglaterra com outros mitificados e perenes.

Por esta razão, nós temos que pensar o artifício narrativo da Monarquia em Tolkien para além do período anglo-saxão em si, mas como um amálgama textual que busca alguns referenciais entre a Monarquia real de uma Inglaterra ancestral, medieval e católica e outra

<sup>48</sup> SHIPPEY, T.A. (Tom). *The Road to Middle-earth*. Londres: Grafton, 2005.p. 351

<sup>49</sup> Idem. p.356. No original: “The quality ‘which compensates for the inevitable flaws and imperfect adjustments that must appear, when plots, motives, symbols, are rehandled andpressed into the service of the changed minds of a later time’.”

<sup>50</sup> J.R.R.Tolkien parte de uma ideia filosófica realista, calcada em uma leitura mental do medievo que parte do diálogo platônico e aristotélico por meio da patrística e, por fim, pelas sumas de Tomás de Aquino e em obras como *De Regno*. Neste sentido, o imaginário tolkieniano se estabelece em uma ideia de Monarquia perene a qual o rei virtuoso e justo imita uma governança de ordem divina em meio a sua natureza humana.

mais ampla mitopoética e calcada em características de seus textos conhecidos e estudados. Esses dois tipos de monarquia se coadunam, no legendário, na formação de um quadro mental monárquico idealizado que preparam o terreno para uma mensagem essencialmente católica que a obra literária tolkieniana inconscientemente tomou ao longo de sua escrita.

Existem então dois referenciais monárquicos muito claros no legendário de Tolkien. A primeira parte dos anais e textos como *As Crônicas Anglo-Saxônicas* e a *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* de Beda, o venerável (c.673-735) que lidos por Tolkien<sup>51</sup> em seus estudos fornecem o referencial histórico e estilístico básico para a criação tanto das linhas temporais da Terra-média quanto dos referenciais históricos de reis ingleses que aparecem em seus personagens. Neste aspecto destacamos as figuras de Oswald da Nortúmbria(604-642), Alfred, o Grande (848-899) e Edward, o Confessor (c.1003 – 1066) que a partir destas fontes históricas aparecem referenciar algumas das visões que Tolkien tinha sobre reis idealizados.

Afinal, é a partir destes referências que Tolkien fundamenta a criação de anais dos mais diversos, como os Anais de Aman, os Anais de Beleriand, os Anais Cinzentos <sup>52</sup>e demais listas cronológicas presentes na obra literária, como o registro do Condado etc. Estes anais fictícios desenvolvidos em forma de cronologias históricas do mundo secundário não apenas criam o senso de Profundidade pseudo-histórica como também são a prova inconteste de como a Idade Média inglesa influenciou profundamente a visão de Tolkien sobre a monarquia, a guerra e a nobreza.

Junto desta base textual se mesclam os referenciais mitificados <sup>53</sup>de reis como Hrothgar de Beowulf, o Rei Arthur dos romances de cavalaria ou mesmo o Carlos Magno das canções de gesta. A partir dessas representações Tolkien constrói não apenas técnicas narrativas como entrelaçamento de histórias que mesclam desde a construção textual do ciclo arturiano ao referencial das sagas nórdicas e as Lais bretãs, mas também o aspecto mitopoético que essas figuras representam ao tornar evidente que é a partir desses referenciais que temas como a legitimidade e a hereditariedade, o sacrifício do rei que serve e o da redenção e renovação do reino passam a permear todo o legendário.

<sup>51</sup> CILLI, Oronzo. *Tolkien's Library: An Annotated Checklist*. Edinburgh: Luna Press Publishing, 2019.

<sup>52</sup> Anais como os de Aman, Beleriand e Cinzentos são listagens históricas fictícias que fazem parte do legendário de J.R.R.Tolkien. Em geral elas estão presentes nas obras editadas pelo filho de Tolkien, Christopher, e demonstram diferentes versões sobre os registros dos chamados Dias Antigos da terra-média, em geral pela perspectiva dos elfos. Os Anais de Aman descrevem a História da criação do mundo até a chegada dos elfos Noldor à Terra-média. Já os Anais de Beleriand e os Anais Cinzentos (sua versão mais elaborada feita pelo mestre do saber élfico Pengolodh) falam dos acontecimentos da chamada Primeira Era do mundo e descrevem as principais histórias do Silmarillion que por sua vez serviu de base para o legendário mitopoético criado por Tolkien.

<sup>53</sup> SHIPPEY, T.A. (Tom). *The Road to Middle-earth*. Londres: Grafton, 2005.

A partir destes dois tipos de elementos textuais, do rei histórico e do rei mitificado que podemos acompanhar cronologicamente como a figura do rei como protetor do reino e defensor de seus súditos é um tema recorrente nas obras de Tolkien e de certa forma vital. O ideal do rei justo e benevolente, que luta pela paz e prosperidade de seu povo, ecoa a tradição medieval de reis como Alfred, o Grande, que unificou grande parte da Inglaterra no século IX e resistiu à invasão dos vikings ou a do Rei Arthur que busca no Graal a promessa de purificar a terra em um reino futuro que ainda há de vir.

A figura do rei encarna ainda aquilo que, segundo Verlyn Flieger<sup>54</sup>, era um desejo do próprio Tolkien ao ler uma obra medieval. Segundo ela, Tolkien mantinha “o desejo não tanto de fazer um estudo crítico ou filológico, mas de escrever uma obra moderna na mesma tradição.”<sup>55</sup> Concordamos com a autora que obras como *O Senhor dos Anéis* segue exatamente essa proposta ao elencar tanto a tradição histórica dos anais quanto de textos literários como de Beowulf ou Sir Gawain e o Cavaleiro Verde.

No entanto, o que une essa tradição inglesa ancestral ao que seria uma tradição moderna é a ideia de heroísmo que a figura do rei ocupa nas obras de Tolkien. O Rei Théoden de Rohan encarna o princípio dos chefes tribais como os descritos em poemas como Beowulf e se assemelha principalmente a figura de Hrothgar que assim Théoden é o senhor de um Salão de Hidromel que precisa ser renovado e para isso está disposto a bancar batalhas desesperadas para alavancar a Coragem do Norte.<sup>56</sup>

A construção monárquica de Théoden parte do elemento básico do Sacrifício do Rei, que deve servir ao mesmo tempo que se sacrifica nesse serviço para assim conseguir redenção e honra renovadas para o reino. É assim com a figura de Beowulf e é assim com a figura do Rei Théoden que encarnam um elemento típico dos textos estudados por Tolkien que é a Teoria da Coragem do Norte, a qual Tolkien não apenas estava familiarizado como a explora em sua obra de forma crítica.

A Teoria da Coragem do Norte é vista de forma ambígua por muitos autores tolkienistas, embora todos concordem que Tolkien a utiliza a partir de uma perspectiva cristianizada e que fortalece alguns aspectos morais da sua narrativa. Para Diego Klautau<sup>57</sup> o tema pagão tende a se coadunar com o valor cristão religioso da fortaleza e resistência ao mal, se tratando de algo simbolicamente positivo na cosmovisão tolkieniana.

<sup>54</sup> FLIEGER, Verlyn. *Green Suns and Faerie: Essays on J.R.R. Tolkien*. Kent: Kent State University Press, 2012. p.141.

<sup>55</sup> No original: “the desire not so much to make a critical or philological study of it as to write a modern work in the same tradition.”

<sup>56</sup> SCULL, Christina; HAMMOND, Wayne G. *The J.R.R. Tolkien Companion and Guide*. 3 vols. London: HarperCollins, 2006-2017.

<sup>57</sup> KLAUTAU, Diego. *O diálogo inter-religioso na análise de J.R.R. Tolkien do poema Beowulf*. XIV Simpósio internacional Filosófico-Teológico (FAJE) e VIII Simpósio Internacional Das Ciências da Religião (Puc Minas), 2018.

Já autores como Peter Grybauskas<sup>58</sup> ao analisar o tema a partir de seu referencial primário na mentalidade tolkieniana, o texto conhecido como *A Batalha de Maldon* e a ficção histórica derivada deste, *O Regresso de Beorthnoth* referencia o tema de forma mais aprofundada ao conceber seu paralelo com diversas formas de sacrifício singular em *O Senhor dos Anéis* que vai desde o sacrifício do mago Gandalf em Khazad-dûm, passando pela morte redentora do guerreiro nobre Boromir ao ideal elencado por Théoden em sua carga desesperada nos campos de Pelennor.<sup>59</sup>

Tom Shippey consegue ver também que é neste sentido que a Coragem do Norte se une ao ideal do Rei que serve presente em Théoden, pois reflete a aceitação do sacrifício pessoal em nome do dever e da honra, mesmo que não exista nenhuma garantia de vitória e que a morte seja praticamente certa. Jane Chance em Tolkien's Art<sup>60</sup> chama atenção para essa característica como a do “bom rei germânico” em oposição “rei germânico ruim” representado por Denethor de Gondor ou mesmo em diferenciação de outro tipo de rei, o rei católico restaurador representado por Aragorn.

Outros reis dentro do legendário também elencam a Teoria da Coragem do Norte e a mesclam com outros referenciais seja histórico ou mítico. Esse padrão tolkieniano pode ser observado, por exemplo, em figuras como Gil-galad o último Alto rei dos elfos na Terra-média<sup>61</sup> que ao mesmo tempo junta características do rei sábio e aquele que se sacrifica pela soberania da terra. Os elementos míticos de Gil-galad são facilmente comparáveis a textos míticos em língua celta, sobretudo de base galesa como o Mabinogion, mas também na figura arturiana como um todo e sua imagem de resistência épica.

Não apenas Gil-galad evoca esses elementos, mas é imprescindível nestas exemplificações citarmos a figura do rei Elendil<sup>62</sup> que também é um rei sábio, justo e que estabelece por meio de sua fé e coragem uma nova civilização humana. Elendil ecoa Carlos Magno<sup>63</sup> tanto em base mitificada quanto histórica seja por sua construção territorial quanto pelo referencial monárquico que serve de base para os outros postulantes ao trono humano na Terra-média, mesmo séculos após sua morte.

Elendil é a personificação do rei ancestral, mas não é a principal personificação das aspirações monárquicas de J.R.R.Tolkien em sua obra. Afinal, apenas um rei consegue unir em si praticamente todos os referenciais históricos e míticos que Tolkien tinha em sua

<sup>58</sup> TOLKIEN, J.R.R.Tolkien. *A Batalha de Maldon e O Regresso de Beorhtnoht*. Edição de Peter Grybauskas. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2023.

<sup>59</sup> TOLKIEN, J.R.R. Tolkien. *O Senhor dos Anéis*. Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 2003

<sup>60</sup> NITZSCHE, Jane Chance. *Tolkien's Art*. London: The macmillan press LTD, 1980

<sup>61</sup> TOLKIEN, J.R.R. *O Silmarillion*. Tradução de Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2019.

<sup>62</sup> Idem.

<sup>63</sup> FLIEGER, Verlyn. *Green Suns and Faerie: Essays on J.R.R.Tolkien*. Kent: Kent State University Press, 2012.

mente e os traduzir a partir de uma visão perene de redenção e renovação, mas também do Rei que Serve e que possuí ao mesmo tempo legitimidade e hereditariedade. Esse rei é Aragorn.<sup>64</sup>

Aragorn é um herói épico tradicional acima dos demais. Ele simboliza o Rei legítimo que vai do “rei exilado” ao seu retorno lendário que por si só mistura a representação mítica do Rei Arthur e a histórica de Oswald da Nortúmbria que surge do exílio para ser coroado o legítimo e tradicional rei.<sup>65</sup> Também existem outros paralelos históricos para Aragorn como é o caso de Alfred, o grande, rei de Wessex que após grandiosa batalha consegue se restabelecer enquanto monarca.

Mas nesta categoria dos “reis exilados”, um paralelo interessante pode ser traçado entre Aragorn e Edward, o confessor. Edward também retorna do exílio na Normandia e se torna rei da Inglaterra. Sobre Edward paira status santificado, principalmente após sua morte por conta da fama de ter curado muitos enfermos com um toque real. Além disso, o próprio Marc Bloch em seu famoso estudo sobre os Reis Taumaturgos<sup>66</sup> cita que os milagres de cura atribuídos a Edward, o confessor não vem de suas virtudes religiosas, mas sim de sua origem régia.

Independente de qual razão se atribui ao seu toque de cura, Aragorn também o possuí. Em *O Retorno do Rei*, em momento após a grande Batalha dos campos de Pelennor, ele vai até as Casas de Cura do reino de Gondor e lá exerce seu poder de cura sobre os enfermos e onde é citado de forma explícita que “As mãos de um rei são as mãos de curandeiro”. Neste momento nada mais precisa ser dito, pois o leitor reconhece a legitimidade de Aragorn enquanto rei e curandeiro de forma plena ao mesmo tempo.

Neste sentido, Aragorn é também legítimo porque sua linhagem pode ser traçada até Elendil e aos antigos numenorianos, povo nobre, de vida longeva e postura altiva. Ele representa a redenção de sua antiga linhagem e, por meio do Sacrifício Real promove a renovação do reino dos homens na Terra-média. Ele porta diferentes nomes e símbolos reais e tal qual o rei Arthur sua espada ancestral lhe confere legitimidade material sobre o reino em batalha.

Somente Aragorn pode por meio de sua linhagem, sacrifício, sabedoria e Coragem do Norte promover a redenção da terra sendo um rei justo. Em Aragorn se encontram todas as características históricas e míticas do medievo imaginado e sonhado por J.R.R.Tolkien e com ele também reside a síntese de seus referenciais do mundo primário

<sup>64</sup> TOLKIEN, J.R.R Tolkien. *O Senhor dos Anéis*. Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 2003

<sup>65</sup> FLIGER, Verlyn. *Interrupted Music: The Making of Tolkien's Mythology*. Kent: Kent State University Press, 2005.

<sup>66</sup> BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio*, França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

quer seja parte de Inglaterra das crônicas e dos anais dos reis Anglo-saxões quer seja de seus textos literários trabalhados por ele academicamente como parte do ciclo arturiano ou de poemas como *Beowulf*.

## Conclusão

O professor J. R. R. Tolkien, além de ser mundialmente conhecido por sua literatura de fantasia, era também um devoto acadêmico pesquisador de mitologias variadas e literaturas medievais por meio da filologia, sua área de estudo. Tolkien buscou em vida evitar ao máximo possíveis alegorias em suas obras, usando para si o conceito de “aplicabilidade” pessoal, o que permitiria ao leitor de seus textos interpretações mais amplas e até mesmo atemporais, o que explica em parte a longevidade de sua obra literária. Em seus principais textos, tais como *“O Hobbit”* e *“O Senhor dos Anéis”*, é notório a leitura medievalista e a firme base filológica de oriunda de seus estudos em línguas antigas. Inclusive muito dessa estrutura de profundidade serviu como influência direta para os neomedievalismos da cultura contemporânea e a formação de todo um imaginário cristalizado sobre a Idade Média.

O uso criativo da literatura medieval é exemplificado na obra de Tolkien por meio da “Alegoria da Torre”, um objetivo próprio do professor Tolkien ao escrever suas histórias que consiste em entender seus referenciais de maneira ampla. Ou seja, as histórias e mitos antigos devem ser usados para expandir nosso horizonte, não apenas como objetos de estudo. Tolkien via esses textos como filosofia perene, capazes de comunicar valores de forma atemporal.

Essa tendência da obra tolkieniana se explica por sua escolha pela “aplicabilidade” ao invés de alegoria, o que reforça sua intenção de criar obras que não se limitam a interpretações históricas específicas. Podemos considerar que isso segue uma leitura filosófica e amplamente medievalista, que simultaneamente conserva ideias de filósofos como São Tomás de Aquino enquanto os insere em um ambiente de experimentação literária moderno.

Neste ponto, compreendemos de maneira semelhante aos críticos e biógrafos de Tolkien, tais como Humphrey Carpenter e Tom Shippey, que debatem sobre quanto da obra de Tolkien foi moldada por sua vida e o ambiente acadêmico do século XX<sup>67</sup>. O

<sup>67</sup> Durante seu período em Oxford, J.R.R. Tolkien, profundamente influenciado por sua formação católica tradicional e por uma filosofia de cunho realista, cultivou uma visão da Idade Média como um refúgio moral e espiritual diante das crises da modernidade, como as guerras mundiais e o avanço da industrialização. Por essa razão, sua concepção do medievo inglês frequentemente contrasta com os debates historiográficos predominantes na academia britânica da

legendário tolkieniano, que buscava emular certos aspectos do medievo, acabou estabelecendo uma espécie de mitologia moderna, alcançando capilaridade global, em especial, com o sucesso das adaptações cinematográficas no início do século XXI.

Por este amálgama referencial que se mostra necessário estudar Tolkien como um medievalista, à luz de suas influências acadêmicas e debates contemporâneos sobre medievalismo, pois nos ajuda a compreender melhor como seu trabalho influencia a percepção moderna da Idade Média e transcende o mero campo da literatura. Escritores contemporâneos e tolkienistas atualmente continuam a explorar suas fontes medievais das mais diversas formas, desvelando um Tolkien ainda relevante tanto no meio acadêmico quanto na cultura popular.

Essa relevância em muito se explica pelo sentimento de profundidade que sua obra literária buscava, principalmente ao se calcar na História e tradições da Inglaterra medieval, particularmente da era anglo-saxônica. Tolkien segundo seus biógrafos tinha o desejo de criar uma espécie de "mitologia para honrar a Inglaterra", o que refletia seu interesse por elementos que considerava genuinamente ingleses. Este desejo era uma tentativa de se reconectar com um passado que lhe parecia mais autêntico e livre de certas amarras contemporâneas de sua época os quais ele conscientemente rejeitava.

Dessa maneira, Tolkien, como indivíduo, se vê profundamente fascinado pelas origens da Inglaterra anglo-saxônica e enxergava seu trabalho como uma forma de explorar e recriar esse passado em suas lacunas existentes nos limites acadêmicos de sua época. Para isso ele utilizou de seu conhecimento técnico de línguas antigas, como o inglês antigo, finlandês e galês médio, além de evocar um sentimento de continuidade cultural e histórica em suas obras, como "O Hobbit" e "O Senhor dos Anéis".

Nesta proposta é notório também observarmos como seu trabalho também influencia e é influenciado pelo debate sobre nacionalismo e racismo, resgatando um passado anglo-saxão de forma que hoje é discutido quanto aos seus usos para fins ideológicos justamente por conta da aplicabilidade por ele defendida. Contudo, é relevante

---

época, especialmente aqueles centrados em temas como o constitucionalismo, economia feudal pós-Conquista Normanda e a construção de uma identidade nacional inglesa a partir desse processo histórico. Tolkien e o círculo intelectual dos Inklings de Oxford adotavam uma postura declaradamente antimoderna, tratando a Idade Média não como um objeto de crítica empírica ou de reconstrução historicista, mas como um horizonte simbólico e ético. Para ele, os textos medievais eram janelas para verdades perenes, verdades que a modernidade, em sua lógica instrumental e materialista, obscurecia. Seu legário, sobretudo *O Senhor dos Anéis*, encarna essa visão por meio de uma linguagem arcaizante, de uma temporalidade mítica e da oposição constante às forças da corrupção e da dominação. Não se trata de um retorno nostálgico ao passado, mas de um gesto de resistência simbólica e espiritual. Tolkien via no medievo um espaço de revelação moral, obliterado pelo cientificismo e pela aceleração da vida moderna, uma agonia temporal que ele enfrentava com a criação de um passado mitopoético, portador de sentido e de esperança contra o esvaziamento existencial de seu presente.

destacar que dentro dos debates presentes na Inglaterra da primeira metade do século XX, Tolkien se opunha ao emprego desse passado para justificativas de imperialismo ou racismo, mesmo que suas acepções possam ser de certa forma criticáveis nos termos atuais.

Isso ocorre por conta da tentativa tolkieniana de estruturar seu legendário nos termos dos valores medievais diretamente retirado das fontes primárias de seus estudos. É por esse motivo, por exemplo, que a monarquia desempenha um papel importante em seu trabalho, representando um contraste com o descontentamento que Tolkien sentia sobre as instituições políticas modernas. Ele idealizava a monarquia medieval, seja no referencial germânico ou cristão, buscando um equilíbrio entre elementos históricos e mitopoéticos. Figuras reais e míticas, como Haothgar de "Beowulf", Rei Arthur, e Carlos Magno, são de certa maneira referências para os reis de sua obra.

Afinal, seus personagens exploram o ideal de coragem e sacrifício real, típico do conceito de "coragem do norte", propondo a aceitação do sacrifício pessoal em nome de valores como honra ou mesmo dever e serviço. Isso é manifestado não só em personagens como Théoden, mas também em outras figuras como Aragorn, que incorpora tanto características míticas como históricas de reis heroicos.

Em suma, o professor J.R.R.Tolkien, ao integrar linguística e tradição literária, construía um universo rico e imaginativo, mas também enraizado no legado cultural e histórico do mundo anglo-saxão. Esses elementos forneciam uma profundidade autêntica à sua narrativa, ao mesmo tempo que constituíam, por meio de uma invenção de Memória histórica, um meio de comentar o mundo moderno através de uma lente medieval idealizada.

Recebido em 19 de dezembro de 2024.  
Aceito em 08 de março de 2025.